

RECIPROCIDADE, REDISTRIBUIÇÃO E TROCA ATRAVÉS DA IMAGEM DE DIONISO NA ÁTICA DURANTE O PERÍODO ARCAICO 540- 530 A.C.

RECIPROCITY, REDISTRIBUTION AND EXCHANGE THROUGH THE IMAGE OF DIONYSUS IN ATTICA DURING THE ARCHAIC PERIOD 540-530 BC.

Elis Barroso⁸⁴

Jerrison Patu⁸⁵

Artigo recebido em 11 de setembro de 2022
Artigo aceito em 10 de outubro de 2022

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as festividades e suas reciprocidades, redistribuições e trocas, pois essas características compõem as mobilidades sociais entre gregos e não gregos através das redes de conectividade, representada na cultura material, por meio do kylix, taça de Dioniso, datada de 540-530 a.C.

Palavra-chave: Festividade. Mobilidade. Reciprocidade.

Abstract: This paper aims to analyze the festivities and their reciprocities, redistributions and exchanges, as these characteristics make up the social mobilities between Greeks and non-Greeks through the networks of connectivity represented in the material culture, through the kylix, Dionysus' cup, dated 540-530 B.C.

Keyword: Festivity. Mobility. Reciprocity.

⁸⁴ Graduanda em Arqueologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CNPQ. <https://orcid.org/0000-0001-9276-5817> E-mail: barrosoelis6@gmail.com

⁸⁵ Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá; Especialista em história Antiga e Medieval no Curso de Especialização em história antiga e medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/NEA/UERJ); Pesquisador Membro do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ); Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), orientando da Professora Doutora Maria Regina Candido (PPGH/UERJ; PPGHC/UFRJ). <https://orcid.org/0000-0002-9705-6654> E-mail: jerrisonpatu@gmail.com

O Mar Mediterrâneo tornou-se fundamental no que tange ao encurtamento de fronteiras, tanto na antiguidade quanto na contemporaneidade, contribuindo para a circulação de bens e costumes, bem como para o multiculturalismo⁸⁶ fenômeno que concede aos territórios um entrelaçamento entre estrangeiros e residentes, conseqüentemente, edifica a alteridade e a proximidade entre as sociedades banhadas por este oceano. Portanto é através desse contato que há o desenvolvimento tecnológico, artísticos, bélico e político, do corpo social⁸⁷. Esses fatos trazem para o centro do debate a região do Mediterrâneo como meio ou veículo propulsor das aproximações entre grupos de culturas diferentes. Isso, nos remete à memória a sociedade ateniense, pois ao longo do período arcaico 800-500 a.C. circularam por Atenas, junto aos cidadãos da *pólis* dos atenienses, grupos de *metecos* e *xenoi*⁸⁸ que contribuíram para a movimentação de bens, costumes, cultos e ritos.

Conquanto, nosso objetivo central será acerca do Mar Mediterrâneo como o pilar para aproximação entre as sociedades na antiguidade, assim como a festividade do deus Dioniso em Atenas – a *Anthesteria* – a celebração e abertura do vinho novo.

Tendo em vista a intercomunicação entre as sociedades do mundo antigo, pelo Mar Mediterrâneo, sendo este um mecanismo facilitador de permuta entre bens e cultura, nos cabe cotejar o encontro

⁸⁶ Entendemos o multiculturalismo como uma interação entre estrangeiros e cidadãos, ao qual ambos respeitam suas crenças, costumes e cultura, portanto, não impõe os seus valores sobre o outro.

⁸⁷ Nesta perspectiva demonstra o historiador Fernand Braudel que “[...] isolado dos contatos e das trocas comerciais, sem as quais não evolui a civilização”. BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na época de Felipe II*. Vol I. Lisboa, p. 43.

⁸⁸ O termo *metecos* refere-se aos estrangeiros residentes, em Atenas, e *Xenoi* (No plural) aos estrangeiros visitantes.

entre esses corpos sociais, territórios e espaços concedidos através da navegação ao qual proporciona as interligações socioculturais.

Neste sentido, a concepção do historiador Fernand Braudel de que “o Mediterrâneo não seria mar, mas uma sucessão de planícies líquidas que se comunicam entre si por portas mais ou menos largas.”⁸⁹ nos faz analisar as adoções e adaptações feitas pelos atenienses ao ingressarem nas portas desta planície líquida, que, desembocou, na comunicação com os estrangeiros das mais diversas regiões da Magna Grécia à Ásia Menor. Isto auxiliou na relação entre as várias *poleis* gregas e na construção de redes de troca, no entanto, demonstra o helenista Kostas Vlassopoulos que há outras redes de trocas.

A relação de várias *poleis* nas redes de troca é evidentemente importante. Mas existem outras redes, a partir dessas trocas; e a repercussão da inserção das *poleis* nessas redes não são simplesmente no termo das relações de estabelecimento. Há profundas implicações políticas e sociais; o exemplo mais significativo é o caso da inserção de grandes políticas do interior, principalmente agrícolas, na alta política e nas redes de redistribuição e mobilização.⁹⁰

Essas redes de troca possuem uma demanda para redistribuição interna e externa da *pólis*, bem como a dependência de uma mobilização de mão de obra para a plantação, colheita, produção e venda, no caso dos grãos e vinhos, mas, a mesma logística poderá ser aplicada às cerâmicas para o armazenamento de água, azeite, entre

⁸⁹ BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrâneo na época de Felipe II*. Vol I. Lisboa, p. 126.

⁹⁰ *The relation of various poleis to these Exchange networks is of clear importance. But exist other network, apart from those of Exchange; and the repercussions of the insertion of the poleis into these network are not simply in terms of settlement patterns. There are profound political and social implicatio; the most significant example is the case of the insertion of large, inland, mainly agricultural polities into high politics and the networks of redistribution and mobilisation.* VLASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek polis: Ancient Greek History beyond Eurocentrism*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, p. 164.

outros produtos, pois exige a redistribuição e mobilização tanto para os gregos quanto para os não-gregos.

Podemos inserir tal conceito de redistribuição de acordo com a perspectiva de Karl Polanyi porque as “formas de integração”⁹¹ – institucionalização dos movimentos de bens e pessoas, fenômeno este responsável por elaborar as principais formas de integração sendo elas: *A reciprocidade* (movimentos entre pontos correlatados de grupos simétricos); *A redistribuição* (designa movimentos de apropriação em direção a um centro e partindo dele) e *A troca* (refere-se, aqui, a movimentos mútuos que ocorrem entre ‘mãos’ num sistema de mercado).⁹²

Dentro desse diagrama, a redistribuição é definida como uma forma de integração que se movimenta, inicialmente, para um centro e depois, para fora dele – seja deslocando objetos físicos ou apenas mudando a maneira de dispô-los. Por sua vez, a troca funciona de forma parecida, mas em localizações indeterminadas do sistema econômico⁹³.

Neste sentido, a troca é um movimento que possui duas direções, de bens e pessoas com base no ganho que cada um consegue a partir dos resultados, isto é, a obtenção de maior aproveitamento do que foi permutado. Na troca, deve haver um “padrão de mercado”, no caso do período arcaico segue o padrão de equivalência, ordenado pelo centro institucional regrado pela centralização tanto das ações políticas quanto da religiosidade sendo os deuses que determinam o produto de

⁹¹ POLANYI, K. *A Subsistência do Homem e Ensaios Correlacionados*. Rio de Janeiro, 2012, p. 83.

⁹² “Portanto, a reciprocidade pressupõe como pano de fundo grupos simetricamente dispostos; a redistribuição depende da presença de certa medida de centralidade do grupo; a troca, para produzir integração, requer um sistema de mercado formadores de preço”. POLANYI, Karl. *A subsistência do Homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro, 2012, p. 303.

⁹³ Ibid, Ibidem.

troca, a partir das estações do ano, propícias para colheita de determinados alimentos, e junto com suas festividades ocorre o consumo/ a distribuição, portanto, os costumes e as leis determinam a redistribuição e a troca ⁹⁴.

Através dessas formas de redistribuições, integrações e trocas de produtos, ocorre a adoção e adaptação cultural⁹⁵, em específico nas cerâmicas, devido à representação das iconografias contidas nestes vasos, ânforas, *kylix*, estelas etc. As imagens desses documentos da cultura material, demonstram os traços da comunicação intercultural porque transpassam para o estrangeiro o sentimento, as ideias políticas, os tipos de vestimentas, os deuses cultuados e os grãos que plantam. Tudo isto, é expresso nas cerâmicas, conseqüentemente, tornam-se uma forte comunicação pessoal entre gregos e não gregos⁹⁶. Mas, para esta intercomunicação e transferência de bens, ideias e costumes funcionar precisa, necessariamente, da conectividade do Mediterrâneo.

A navegação de costa a costa – cabotagem – facilita o transporte e aprimora as redes de trocas com os territórios através dos portos marítimos, encurtando as fronteiras e edificando as subzonas⁹⁷. Estas

⁹⁴ Ibid, p. 91- 116.

⁹⁵ A adoção cultura é entendida a partir da absorção das tecnologias, ideias e costumes dos estrangeiros. Já a adaptação entende-se como uma transformação dessa tríade cultural elaborada pelo estrangeiro e adaptada conforme os costumes locais. VLASSOPOULOS, Kostas. *Greek and Barbarians*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, p. 227.

⁹⁶ Ibid, p. 146.

⁹⁷ A consistência e/ou a persistência de algumas subzonas, apesar das transformações dramáticas nos marcos culturais ou políticos, mostram que as configurações das costas, das correntes e dos ventos desempenharam uma tarefa crucial[...] Este alto grau de conectividade é expressa a partir de sua própria instância de trocas de vinho e, talvez, também, das ânforas de azeite entre as diferentes costas do Mar Negro[...]. Tradução nossa.

The consistency and/or persistence of some sub-zones, sometimes notwithstanding dramatic transformation in cultural or political frameworks, show that configuration of the coast, of the streams and of the winds played a crucial role. [...] This high degree of connectivity expressed itself for instance in the exchange of wine and perhaps also olive-

subzonas tiveram um papel de enaltecimento das conectividades dentro de todo o Mediterrâneo, certamente, aproximou as sociedades da região da Ática à Ásia Menor e contribuiu para suas diversidades culturais.

Com a interação e integração, essas diferenças seriam minimizadas com as aberturas dos espaços proporcionado pelos quatros mundos paralelos sendo: O mundo das redes /*world of network*; O mundo da apoikia / *The world apoikia*⁹⁸; O mundo pan-helênico/*The panhellenic world*; e O mundo dos impérios/ *The world of empires*. Estes mundos se interagem em diferentes áreas geográficas, bem como em dispare formas de interações e encontros entre helenos e não helenos.

Através desses quatro mundo podemos perceber as redes de conexões/ *networks* que é proporcionada pelo Mediterrâneo e fazem as comunidades de gregos e não gregos se conectarem, isto desemboca na mobilização de pessoas de um território para outro e concede a entrada de cultos gregos entre as comunidades nativas e vice-versa.⁹⁹ No entanto, a conexão/ *network* pode acarretar a concepção de *Glocalisation* ou localização¹⁰⁰ que, nada mais é, do que um amalgama entre duas ou mais tradições culturais, ou seja, absorve os costumes, bens e ideias de outra sociedade e mistura com os costumes locais, elaborando o hibridismo cultural: “A criação de novas formas culturais

oil amphorae between the different coasts of the Black Sea[...]. BRESSON, Alain. *Ecology and Beyond: The Mediterranean Paradigm*. In In HARRIS, William V. *Rething the Mediterranean*. Oxford, unviserty press, 2005, p. 94-114.

⁹⁸ *Apoikia*, seria um tipo de colônia grega usada como assentamento, pois os colonos moravam e buscavam sustento. FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo: economia e sociedade*. São Paulo, 1994, p. 29.

⁹⁹ VLASSOPOULOS. *Greeks and barbarians*, pp. 85-87.

¹⁰⁰ Conceito demonstrado pelo helenista Vlassopoulos. VLASSOPOULOS, Kostas. *GREEKS AND BARBARIANS*. Cambridge, New York: Cambridge Univrsity Press, p. 235

que se fundem elementos de diferentes tradições culturais em uma nova mistura original."¹⁰¹

A fusão cultural gera a formação de instituições econômicas regradas nas aproximações através dos conjuntos ou individualidades das comunidades pertencentes às *pólis*, e por meio da troca de presentes, hospitalidade e serviços favorece as circulações de bens e pessoas, além disso, corrobora para as relações recíprocas tanto em questões políticas quanto socioculturais.¹⁰²

Estas subzonas e o quatro mundos como sistemas de organização para o comércio contribuíram para a mercantilização das ânforas produzidas por Atenas, Rodes, Cnide, Tasos, entre outros territórios, ao redor do Egeu, Mediterrâneo e Mar Negro. Os timbres, ou seja, as marcas contidas nas cerâmicas permitem a identificação do pintor e a região onde foi produzida¹⁰³. Os relatos socioculturais expressos nas iconografias refletem acerca da sociedade na qual o artesão se encontra inserido. Deste modo as representações da regionalidade acarretam numa amplitude de óticas, pois pode ocorrer a identificação de problemas similares entre as regiões que comercializam as ânforas, neste sentido, podem emergir as alianças políticas, os discursos de poder, a produção de ideologias (formação de ideias) e as memórias.

¹⁰¹ "The creation of a new cultural forms which fuse elements from different cultural traditions in a new original mix". VLASSOPOULOS, Kostas. *GREEKS AND BARBARIANS*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, p. 237. Tradução nossa.

¹⁰² VLASSOPOULOS, Kostas. *Greek and Barbarians*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, p. 11; 131.

¹⁰³ TANIA, Panagou. *Patterns of Amphora Stamp Distribution: Tracking Down Export Tendencies*. In Harris, E.M; LEWIS, D. M.; WOOLMER, M. (Ed.). *The Ancient Greek Economy: Markets, Households and City-States*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, p. 207-229; PORTO, V. C; HORA, J.F. *Timbre nas ânforas de Tasos: Circulação, Produção e conexão no Mediterrâneo*. *Romanitas- Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 7, p. 170-180, 2016.

Desta maneira, pode-se afirmar, a partir da ótica da Arqueologia que a cultura material, além de fornecer informações sobre sua própria morfologia, tecnologia e funções; também pode nos oferecer meios de interpretar uma organização social. Para que o arqueólogo ou historiador possa entender a sociedade que está estudando, portanto, deve-se criar um código para ordenar a realidade, e esse código é criado a partir de sinais físicos e concretos que definem direitos, obrigações, valores etc. Nas sociedades arcaicas, esses códigos podem ser interpretados como a cultura material.¹⁰⁴

De acordo com Bronislaw Baczko há um deslocamento da imaginação no campo discursivo, pois a associação entre imaginação e poder designa uma faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos, desta maneira, os testemunhos e memória evocam uma explosão de imaginários sociais, sendo o imaginativo inserido nas mentalidades a partir da mitologia de um acontecimento que de modo nostálgico, enaltece ainda mais o simbolismo, isto desemboca nas funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e no exercício do poder.

Nesta ideia apresentada pelo autor podemos considerar as iconografias das ânforas como meio de comunicação social, devido à intercomunicação entre as sociedades e as suas formas de integração. Com isto, as ânforas e suas imagens ao ingressarem em territórios estrangeiros podem sofrer uma resignificação, fator responsável pela construção de um imaginário sobre o comportamento, religiosidade e costumes da sociedade produtora da ânfora.¹⁰⁵

¹⁰⁴ MENESES, U.T.B. *A cultura material no estudo das sociedades antigas*. Revista de História, Universidade de São Paulo, n. 115, 1983, p. 103-117.

¹⁰⁵ BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In. Leach, Edmund (et al). *Anthropos-homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985. p. 296-332.

Deste modo o *Kylix*, taça de Dioniso, que demonstra esta divindade ateniense em uma embarcação e ao transportar a uva, certamente, demonstra o contato e a interação com outras regiões costeiras. Por outro lado, pode significar uma amostra dos costumes de Atenas com o deus do vinho e sua festividade que alcança tanto as civilidades das regiões da Ática como da Ásia Menor. Por conseguinte, a partir da atitude técnico-instrumental concebe o imaginário através das linguagens de signos pelos ritos e festividades cívicas que se propõe instalar no coração da vida coletiva, um imaginário que tem de si e de outrem¹⁰⁶. Por isto, as imagens contidas nas ânforas não são simples iconografias, mas são narrativas produzidas pelo fato das combinações de figuras e signos, assim são planejados para evocar um fato específico e situações claramente conectadas com uma dada ocasião, isto é, a rememoração do passado ou a descrição do presente elaborada pelo pintor da ânfora conforme vão se apresentando os objetos na pintura.¹⁰⁷



Kylix, taça de vinho, representação do deus Dioniso data de 545 – 530 a.C¹⁰⁸

¹⁰⁶ Ibid, ibidem.

¹⁰⁷ ISLER-Kerényi, C. *Dionysos in archaic Greece: an understanding through images*. Lieden: Brill, 2007, p. 3.

¹⁰⁸ Inventário: Inv. 310403.

Nossa documentação retrata a chegada do deus Dioniso pelo mar, *katagógia*, que está ligada à *Antestérias* – festividade em honra ao deus Dioniso, era realizada no mês das *Anthesterias* (Fevereiro e Março) no calendário Ático e ocorria durante três dias seguidos, de acordo com a pesquisadora Maria Regina Candido

“no décimo primeiro dia do mês de fevereiro organizava-se abertura do vinho novo (*Pithoigia*); no décimo segundo dia era os festejos de ingestão de vinho em recipientes denominados de *Choes* e no décimo terceiro dia, os grãos e sementes eram cozidos na panela de barro denominada de *Chytros*”.¹⁰⁹

No segundo dia, além da ingestão de vinho na *Choes*, ocorria a chegada da procissão/ *pompé* da estátua do deus trazida em carroças, em forma de barco como evidencia o *kylix*¹¹⁰. Após a festividade, ele desaparece em terras remotas, mas voltará repetidamente para exigir veneração; este regozijo a Dioniso contribui para uma interação entre as sociedades gregas e não gregas, bem como para a recepção dos *xenoi* e *metecos* durante a Grande Dionísia, que entrelaçou o amálgama entre cidadãos, caracterizando o fenômeno da movimentação entre diferentes grupos étnicos e suas culturas dentro da Ática, por conseguinte, transformando-se essa região em uma zona de

Pintor: Exekias.

Procedência: Região de Atenas.

Função social: *Kylix*/taça/ pôr o vinho.

Data: 545-530 a.C.

Referência Bibliográfica deste documento: Angiolillo, S. *Arte e cultura nell'Atene di Pisistrato e dei Pisistratidi*. Bari, 1997: 110, FIG.56; Barringer, JM. *The Art and Archaeology of Ancient Greece*. Cambridge, 2014: 166, FIG.3.33; Beazley, JD. *Attic Black-Figure Vase-Painters*. Oxford, 1956: 146.21, 686; Carratelli, GP (ed.), *The Greek World: Art and Civilization in Magna Graecia and Sicily*. Nova York e Milão, 1996: 203.

¹⁰⁹ CANDIDO, M,R. *As Choes e o ritual das Anthestérias*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh. São Paulo, 2011, p. 1-10.

¹¹⁰ Ibid, ibidem.

reciprocidade devido aos banquetes públicos/*simpósio* e particulares, sendo que no público os participantes forneciam o alimento e consumiam o vinho, a carne, o pão com cebola e a azeitona; já nos banquetes privados os cidadãos aristocratas, bem nascidos, / *aristoi* convidavam os seus amigos para encurtar as relações políticas através da hospitalidade, troca de presente e, conseqüentemente, como forma de enaltecer o *status* de posição da e na família.¹¹¹

No decorrer do período arcaico, na Ática, buscou-se formular figuras que não pertencessem somente aos mundos dos heróis e da mitologia, mas um mundo limiar entre as civilidades e a natureza selvagem, pois a mensagem da imagem é destinada mais à comunidade do que para uma subjetividade, pois o vinho é o elemento principal nos simpósios – reunião para abrir e beber o vinho – na garantia que o efeito e a sensação permaneçam confinados ao controle e não se transformem em perigo para a comunidade, ou seja, a *hybris/excesso*, ação essa que era evitada devido ao fato de ser algo desprezível para a população da Ática porque denota uma transgressão às leis e às regras sociais.

Logo, para amenizar os efeitos do vinho e manter o controle da *hybris* e a manutenção da ordem, os atenienses misturavam o vinho novo com a água como sinal de civilidade¹¹². Isto acarretou a figura de Dioniso como uma ambigüidade através de sua característica que vai da desordem à ordem, da morte à vida.¹¹³ Essa metamorfose é visível nas

¹¹¹ CANDIDO, M,R. *As Choes e o ritual das Anthestérias*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh. São Paulo, 2011, p. 1-10; POLANYI, K. *A Subsidiência do Homem e Ensaio Correlacionados*. Rio de Janeiro, 2012, p. 96.

¹¹² CANDIDO, M,R. *As Choes e o ritual das Anthestérias*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh. São Paulo, 2011, p. 1-10.

¹¹³ “Isto parece ser uma extraordinária miscelânea de eventos, mas talvez ganhe sentido à luz do caráter ambíguo de Dioniso. Ele não é só o deus da vida, do vinho e das festas, mas é também deus da destruição.” JONES, V. PETER. *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo, 1997, p. 127-128.

iconografias que apresentam a uva, pois a fruta se transformará em vinho, conquanto a transmutação da uva em vinho, em outras palavras, era um acontecimento alheio à vida cotidiana e considerado excepcional porque ocorria de acordo com as estações do ano e nas melhores condições da agricultura.¹¹⁴ Deste modo, o deus Dioniso está ligado à fecundidade, à natureza e às forças da terra, e era adorado através do ditirambo que não podia ser separado do culto dionisíaco, assim, cantavam a canção do deus depois de embriagados pelo vinho.¹¹⁵ Para o helenista Walter Burkert, o deus Dioniso vai além do álcool e pode ser totalmente independente da embriaguez; a loucura se converte como um fim em si mesma: ao analisar a palavra helênica *Manía* como uma experiência de intensificação do poder mental, a qual é um fenômeno de grupo, que se propaga aos pouco de forma contagiosa e que acarreta na perda da identidade habitual, ou seja, o enlouquecimento, sendo ao mesmo tempo divina e saudável. O símbolo desta transmutação de sentido trazida pelo deus é a máscara.¹¹⁶

Considerações Finais.

A partir da interdisciplinaridade com a arqueologia e dos conceitos da antropologia econômica de Karl Polanyi percebermos a utilização da festividade do deus Dioniso como uma integração econômica através da *interação, reciprocidade, redistribuição, distribuição e troca* fatores que estão entorno das *Antestérias*. Este ritual também possui a capacidade de abertura de fronteiras com os estrangeiros das mais diversas territorialidades do mundo antigo.

¹¹⁴ ISLER-Kerényi, C. *Dionysos in archaic Greece: an understanding through images*. Lieden: Brill, 2007, p. 26.

¹¹⁵ OLIVEIRA, F. R; Geraldo, L. G. *Ditirambo: Culto e Louvor a Dioniso*. Revista Héléade, vol. 2, n. 3, Dezembro 2016, p. 59-69.

¹¹⁶ BURKERT, Walter. *Religião grega arcaica e clássica*. Madri, 2007, p. 219.

Por conseguinte, a nossa documentação imagética, demonstra a complexa e instigante investigação acerca desta divindade, seja pela sua origem estrangeira e sua estruturação dentro da Ática que, com o passar do tempo se transmuta, mas seus cultos e ritos seguem sendo importantes para a mobilidade de bens e costumes.

O conjunto desses elementos presente no festival dionísíaco auxiliam na formação da Ática como uma região cosmopolita, que abrange *xenoi* e *metecos* tanto em suas celebrações, quanto nas suas barganhas comerciais de produtos como vinho, trigo, azeite, entre outros, assim como nas trocas socioculturais como os banquetes, a abertura do vinho, procissão e consumo de alimentos concede, portanto, a conectividade entre as regiões do mundo antigo, fenômeno crucial para o desenvolvimento artístico e tecnológico de Atenas.

Referências

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na época de Felipe II*. Vol I. Lisboa, **ed. Martins Fontes Ltda**, 1983.

BRESSON, Alain. *Ecology and Beyond: The Mediterranean Paradigm*. In HARRIS, William V. *Rethinking the Mediterranean*. Oxford, **unviserty press**, 2005, p. 94-114.

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In. Leach, Edmund (et al). *Anthropos-homem*. Lisboa, **Impresa Nacional/Casa da Moeda**. 1985. p. 296-332.

BRIGGS, S, Xavier. *Civilization in Color: The Multicultural City in Three Millennia*. **City e community** 3:4, December 2004, p. 311-342

BURKERT, Walter. *Religião grega arcaica e clássica*. Madri, **ed. Abada**, 2007, p. 219.

CANDIDO, M, R. *As Choes e o ritual das Anthestérias*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh**. São Paulo, 2011, p. 1-10.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Rio de Janeiro, **ed. FGV**, 2015.

CHATIER, Roger. *A história cultural entre prática e representações*. Rio de Janeiro, **ed. Bertrand Brasil/Diefel**, 1985.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo: economia e sociedade*. São Paulo, **ed. Brasiliense**, 1994.

GRESS, D. *Multiculturalism in History Hellenic and Roman antiquity*. **Rev. Orbis**, v. 43, Issue 4, Autumn 1999, p. 553-573.

HORA, J.F. *Timbre nas ânforas de Tasos: Circulação, Produção e conexão no Mediterrâneo*. **Romanitas- Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 7, p. 170-180, 2016.

ISLER-Kerényi, C. *Dionysos in archaic Greece: an understanding through images*. Lieden: **Brill press**, 2007.

JONES, V. PETER. *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo, **ed. Martins Fontes**, 1997.

KIM, Kyung-hyun. *Multiculturalism and the Roman Empire*. **Boletim do Instituto Mediterrâneo**, 5, 2007, p. 131-145.

MENESES, U.T.B. *A cultura material no estudo das sociedades antigas*. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, n. 115, 1983, p. 103-117.

OLIVEIRA, F. R; Geraldo, L. G. *Ditirambo: Culto e Louvor a Dioniso*. **Revista Hélade**, vol. 2, n. 3, Dezembro 2016, p. 59-69.

TANIA, Panagou. *Patterns of Amphora Stamp Distribution: Tracking Down Export Tendencies*. In Harris, E.M; LEWIS, D. M.; WOOLMER, M. (Ed.). *The Ancient Greek Economy: Markets, Households and City-States*. Cambridge, New York: **Cambridge University Press**, 2016, p. 207-229.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greek and Barbarians*. Cambridge, New York: **Cambridge University Press**, 2013.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek polis: Ancient Greek History beyond Eurocentrism*. Cambridge, New York: **Cambridge University Press**, 2007.